

21 – PE. ÂNGELO SPADARI

* Itália: 24-10-1910

(87 anos)

† Manaus: 12-10-1997

Faleceu em Manaus, no dia 12 de outubro, solenidade de Nossa Senhora Aparecida, aos 87 anos de idade, 65 de profissão religiosa e 57 de sacerdócio.

Nossa Senhora, no dia de sua festa, veio buscar o servo bom e fiel. Filho de Francisco Spadari e Maria Chioda. Fez o aspirantado em Ivrea. Chegou ao Brasil aos 16 de dezembro de 1930, para começar o noviciado.

A primeira profissão a fez em Jaboaão aos 4 de fevereiro de 1930. Sempre em Jabotão, fez a filosofia. O tirocínio o fez em Aracaju. A teologia a fez no Instituto Pio XI e foi ordenado aos 8 de dezembro de 1940, por Dom José Gaspar de Afonseca e Silva.

Depois de passar 7 anos em Aracaju, foi para Manaus. Depois o encontramos no Território de Rondônia, que foi o maior campo de seu apostolado.

Pe. Ângelo viu os simples povoados de Rondônia transformarem-se em pequenas cidades; as capelas cobertas de palha, em igrejas. Presenciou o progresso material, mas também o religioso e moral. Em meio a tanto progresso, não faltou a cooperação da Igreja. A presença do Pe. Ângelo era sempre esperada. No cumprimento de seus deveres, não media sacrifícios. Ele era o desbravador da causa do Reino de Deus.

Sempre criterioso e sabendo argumentar com calma e paciência. Muito prestativo, trabalhador, sempre de muita confiança dos superiores. Nos sete anos de inspetor, jamais tive queixas dele.

“Em 1949, Dom João Batista Costa, depois que tomou posse da Prelazia de Porto Velho, foi a Vilhena, onde eu trabalhava há anos, e que praticamente a Vila começou comigo” (nota autógrafa do Pe. Ângelo).

A passagem do Pe. Ângelo entre nós, ficou marcada perenemente. Pela sua bondade, alegria constante, seu sorriso, afabilidade, austeridade consigo mesmo e total disponibilidade para

com todos. Tornou-se um grande salesiano no amor à Igreja, à Virgem Auxiliadora e a Dom Bosco. Foi acima de tudo um homem fiel. Era impressionante sua capacidade de trabalho. Mesmo no último ano, meteu-se a traduzir opúsculos muito instrutivos. Era o homem do otimismo, da alegria e da amizade. Religioso equilibrado, adaptado ao meio ambiente, simples, espontâneo.

Não media sacrifícios para atender às confissões e sempre com calma e paciência. Em algumas vezes se repetia com ele a cena do filho pródigo arrependido.

Suas pregações transformavam vidas, definiam caminhos, restabeleciam a fé.

Descoberta da cassiterita – “No começo de 1959, vieram a Porto Velho engenheiros da siderúrgica Belgo-Mineira e ficaram admirados em ver um laboratório tão bem organizado. Naquele ano fiz mais de mil análises e não cobre nada de ninguém. Consegui forjar o mapa com a ocorrência da mineração da cassiterita, fixando as áreas entre o paralelo nove e dez do Território. Infelizmente, na minha ausência, o mapa foi extraído” (do diário das viagens).

Conhecedor profundo da sua missão de caçador de almas, teve sempre carinho, disposição para o trabalho missionário. Durante toda a sua vida, mostrou sempre a bondade em forma de serviço particularmente para com os pobres e necessitados do interior de Rondônia, especialmente em Vilhena, por ele fundada.

Quinze dias depois da morte do Pe. Ângelo, a Inspetoria, como lembrança dele, publicou: “Diário das viagens apostólicas”, que vai de 1960 a 1983.

Em 1960, quando era diretor do Colégio Dom Bosco de Porto Velho, durante as férias, organizou uma excursão com alguns alunos e passaram por Tabajara, Machado, Jarú, Juína, Colorado do Oeste.

No Colégio Dom Bosco, conserva-se ainda o quadro de formatura, da primeira turma do Curso Científico (1958), uma verdadeira relíquia com os semblantes sorridentes e jovens de Dom João Batista Costa e do Pe. Ângelo. Foram estes os anos de estudo, de pesquisa, administrando com farta sabedoria e inegável competência.

Numa viagem foi visitar a tribo Caritiana. Eram naquele tempo uns 70, vivendo ainda “como Deus os criou”, porém se vestiam para tratar com os civilizados. Têm grande disposição para o trabalho.

Várias vezes fala de Vilhena, por ser o lugar onde mais trabalhou, desde o início da vila.

No diário, em 60 páginas, com descrição bem detalhada, fala de nomes de pessoas, de lugares, circunstâncias, datas e trabalho realizado. Pe. Ângelo dá um belíssimo exemplo para todos os missionários. Não somente o trabalho, mas transmitindo aos pósteros o trabalho realizado, para que os bons exemplos sejam imitados e sejam avaliados os grandes sacrifícios.

Agradecemos a Deus Nosso Senhor e a nossa Mãe Maria Auxiliadora pela ajuda e proteção que lhe deu.

Em 1982, quando Pe. Ângelo era vigário de Arquimenes, Dom João Costa, depois de emérito, foi passar uma temporada com Pe. Ângelo, sinal de muita estima que lhe tinha.

Quando os superiores salesianos tomaram a decisão de fechar a casa de Vilhena, Pe. Ângelo não disse uma palavra de queixa. Arrumou em silêncio os poucos pertences que tinha (era de uma pobreza desarmante) e partiu para outra destinação. O coração sangrava, os marejavam de lágrimas, o povo o abraçava com transportes e gratidão!!!

Em 1995, abrindo-se o novo noviciado em Candeias, Pe. Ângelo vai como confessor. Em 1996 porém, fechando-se, vai para Manaus, para CESAF, onde aguardou a irmã morte.

Nos últimos meses, apresentava-se com a saúde bastante debilitada e em tratamento médico.

Fiquemos com o exemplo de fé, vida e fraternidade, que nosso irmão nos deixou.

Rezemos para que ele tenha o bom e merecido prêmio.